

DIFERENÇAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS NA FRANÇA ATRAVÉS DOS ULTRAS DO PARIS SAINT GERMAIN

Guilherme Silva P. Freitas¹
Luiz Gonzaga Godoi Trigo²
Marco Betinne Almeida³
Universidade de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: Este artigo busca utilizar o futebol, a arquibancada e a figura do torcedor mais precisamente as antigas torcidas organizadas dissolvidas do Paris Saint-Germain, para mostrar as transformações sociais, identitárias e étnicas pelas quais a França passou durante as décadas de 1970 e 2000. No período houve um aumento no processo de imigração para a França de indivíduos oriundos principalmente das antigas colônias. A onda imigratória causou mudanças na sociedade parisiense e francesa, gerando um choque de cultura e identidade que acabou se refletindo no futebol. Grupos antagonísticos de torcedores organizados se sentavam um de frente para o outro nas curvas do estádio Parc des Princes, utilizando a arquibancada tanto para torcer, quanto para manifestar suas posições identitárias e ideológicas, além de promoverem atos de violência e intolerância. Após o banimento das antigas torcidas, novos ultras preencheram seu lugar no estádio com uma postura mais tolerante e com característica multicultural, porém, devido à atual conjuntura da Europa em relação à imigração e diversidade saber até onde vai essa passividade é incerto.

Palavras-chave: Futebol. Imigração. Identidade. Torcida Organizada. Paris Saint-Germain.

CULTURAL AND IDENTITY DIFFERENCES IN FRANCE THROUGH THE ULTRAS OF PARIS SAINT GERMAIN

ABSTRACT: This article seeks to use football, the grandstand and the figure of the supporter, more precisely, the old organized partisans of Paris Saint-Germain, to show the social, identity and ethnic transformations that France underwent during the 1970s and 2000s. In the period there was an increase in the immigration process for France of individuals coming mainly from the former colonies. The immigration wave caused changes in the Parisian and French society, generating a culture and identity shock that ended up being reflected in football. Antagonistic groups of organized fans sat facing each other in the curves of the Parc des Princes stadium,

¹ Mestre em Estudos Culturais pela EACH – USP. Email: gui_sp_freitas@yahoo.com.br

² Professor Titular da Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Email: trigo@usp.br

³ Professor Livre Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: marcobettine@gmail.com

using the stands both to cheer, to express their identity and ideological positions, and to promote acts of violence and intolerance. After the banning of the old fans, new ultras filled their place in the stadium with a more tolerant and multicultural feature, but due to the current situation in Europe regarding immigration and diversity know how far this passivity is uncertain.

Keywords: Football. Immigration. Identity. Ultras. Paris Saint-Germain.

DIFERENCIAS CULTURALES E IDENTITARIAS EN FRANCIA A TRAVÉS DE LOS ULTRAS DEL PARÍS SAINT GERMAIN

RESUMEN: Este artículo busca utilizar el fútbol, la grada y la figura del hincha más precisamente las antiguas torcidas organizadas disueltas del París Saint-Germain, para mostrar las transformaciones sociales, identitarias y étnicas por las que Francia pasó durante las décadas de 1970 y 2000. En el período hubo un aumento en el proceso de inmigración a Francia de individuos oriundos principalmente de las antiguas colonias. La ola inmigratoria causó cambios en la sociedad parisina y francesa, generando un choque de cultura e identidad que acabó reflejándose en el fútbol. Los grupos antagónicos de aficionados organizados se sentaban uno frente al otro en las curvas del estadio Parc des Princes, utilizando la grada tanto para torcer, como para manifestar sus posiciones identitarias e ideológicas, además de promover actos de violencia e intolerancia. Después de la prohibición de las antiguas torcidas, nuevos ultras llenaron su lugar en el estadio con una postura más tolerante y con característica multicultural, pero debido a la actual coyuntura de Europa en relación a la inmigración y diversidad saber hasta dónde va esa pasividad es incierto.

Palabras-clave: Fútbol. Inmigración. Identidad. Hinchas. París Saint-Germain.

Introdução

Durante anos Paris registrou uma das mais intensas rivalidades entre torcedores de futebol, onde a única semelhança entre ambas as partes era torcer pelo mesmo time. Conflitos que opunham etnias, ideologias e identidades. Este artigo trará uma análise sobre a rivalidade entre as torcidas do Paris Saint-Germain que preenchiam as arquibancadas do Parc des Princes, opondo as curvas *Boulogne* e *Auteuil*. Em cada ponta do estádio havia uma torcida organizada com visões diferentes.

Este trabalho tem como objetivo mostrar através desses torcedores transformações sociais, identitárias e étnicas que aconteceram na França entre as décadas de 1970 e 2000 e buscar compreender um pouco mais sobre esses aspectos tendo o futebol como pano de fundo. Como metodologia será feita uma pesquisa documental, além de consulta a periódicos franceses como *Le Monde*, *Le Figaro*, *Libération*, *Le Parisien*, *L'Express* e *So Foot*. A escolha desses periódicos, com

reportagens publicadas entre 2005 e 2017, deve-se ao fato de serem relevantes e tradicionais na sociedade francesa, além de abordarem constantemente questões ligadas ao futebol e torcedores.

Para uma melhor compreensão dos leitores a pesquisa estará dividida em três partes. A primeira irá falar sobre o torcedor e a arquibancada, onde buscamos entender quem são esses personagens que se manifestam em um espaço amplamente democrático que é o estádio através da literatura de Bromberger (1995), Wittersheim (2014), Elias e Dunning (1992), Giulianotti (2010), Mascarenhas (2014), Toledo (2000), Franco Júnior (2007), Florenzano (2010), Galeano (2013), Carvalho (2014) e Freitas e Trigo (2016).

A segunda será destinada às questões relacionadas à imigração e identidade, mostrando como elas se relacionam com a história e os torcedores do clube. Utilizaremos dados referentes à imigração coletados pelo Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos da França (INSEE) entre registrados entre 2008 e 2014 que analisam o número total de imigrantes e a localização geográfica dessas pessoas, confirmando que a maioria vive em Paris. Também serão utilizados conceitos de Anderson (2008), Hall (2003, 2014), Bauman (2005, 2007), Elias e Scotson (2000), Hobsbawm (2013), Poutignat e Streiff-Fenart (2011), Faugère e Bouvet (2016), Coelho (2010) e Freitas (2017).

Por fim, na terceira parte do artigo trazemos a atual torcida parisiense, cada vez menos violenta e com perfil mais multicultural. Aqui utilizaremos material pesquisado na imprensa francesa, além de autores do país que estudam o futebol, casos de Gastaut (2008) e Sonntag (1998), além de conceitos de Hall (2014) e Freitas (2017).

O torcedor e a arquibancada

Além de um esporte fascinante e capaz de arrematar multidões de fãs pelo mundo, o futebol também tem um rico folclore. Algumas de suas expressões, muitas inventadas por cronistas esportivos na primeira metade do século XX, continuam até hoje sendo repetidas. Uma delas é a que diz que “não há nada menos vazio do que um estádio vazio” (GALEANO, 2013, p. 26). De fato, assistir uma partida sem torcedores é uma experiência diferente. Há a sensação de estar faltando alguma coisa. Mesmo não entrando em campo o torcedor tem sua importância.

Definido por Carvalho como um amador que age em um contexto profissional e “como um trabalhador voluntário que empresta sua dedicação sem data de validade a uma causa” (2014, p.15), por Toledo como o sujeito que torce por seu time, no estádio, em casa, no bar, pela TV ou rádio, e qualquer lugar (2000, p. 306) e por Franco Júnior como “os não-profissionais do rito, que dele participam sem o executar e que às vezes matam ou morrem por sua divindade clubística” (2007, p. 284), o torcedor de futebol é um personagem carregado de sentimentos conflitantes, sendo capaz de demonstrar amor e ódio ao longo de 90 minutos.

Tostão, campeão mundial com a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 e atualmente colunista do jornal Folha de S. Paulo, afirma que existem torcedores dos mais diferentes tipos, como o participativo, o solitário, o extrovertido, o tímido, o violento, o dócil, o entendido e o palpiteiro. A maior parte deles possui várias dessas características, mas todos têm uma única coisa em comum: a paixão por seus clubes e pelo futebol³.

Galeano (2013, p. 14-16) os separa em dois grupos, “aquele que foge de casa e vai ao estádio” e aquele fanático “que olha a partida, mas não vê nada”, sentindo apenas a aura da arquibancada, local que venera e transforma em seu campo particular de batalha. Esse torcedor fanático muitas vezes é membro de uma torcida organizada, uma associação de adeptos uniformizados que busca apoiar seu clube de coração, ter uma identificação própria e criar distinção dos demais fãs de seu clube. Rotulá-los como sendo todos vândalos, como acontece no senso comum, é um erro. Dentro desses grupos existem diferentes perfis como afirma Toledo:

Dada a complexidade e variedade de expectativas que animam os subgrupos dentro de uma torcida pode-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública, que extravasam os limites do universo do futebol e colocam sob suspeita as explicações mais simplistas sobre o comportamento monotemático e marginal desses agrupamentos de torcedores. (TOLEDO, 2000, p. 255)

As torcidas organizadas também estão de acordo com o conceito da comunidade imaginada criada por Benedict Anderson (2008, p. 32) onde “todos seus membros jamais se conhecerão”, mas firmam uma camaradagem entre si e tem em mente a imagem de uma comunhão entre todos. Aqui é possível comparar esses adeptos fanáticos quando Bauman (2007, p. 81-82) fala sobre condomínios fechados. Essas habitações são uma espécie de “ilha de segurança” onde os moradores dali buscam isolamento e distância daqueles considerados como diferentes, mesmo estando fisicamente na mesma cidade, mas social e espiritualmente fora dela. É como em um estádio de futebol, onde os organizados buscam distinção através de sua comunidade em um espaço físico mais isolado do torcedor comum.

Os torcedores mais fanáticos são capazes de promover desde manifestações pacíficas que pregam tolerância até atos de extrema violência. Como iremos ver no próximo tópico que irá tratar das rivalidades em grupos organizados do Paris Saint-Germain, atos de violência promovidos pelos torcedores acontecem como forma de descontar as frustrações da sociedade em que vivem (ELIAS; DUNNING, 1992). Afinal, a grande maioria desses grupos é formada por jovens e membros das classes mais pobres, à margem da sociedade e sem grandes perspectivas.

Na Europa dois estilos de torcedores se destacam: os hooligans e os ultras. Em seu livro “Sociologia do Futebol” Richard Giulianotti utiliza a pesquisa do sociólogo Ian Taylor, especialista em violência no futebol, que afirma através de uma perspectiva

³ *História de torcedor*. Publicada no site do jornal Folha de S. Paulo no dia 28/01/2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2801200120.htm>.

marxista e da nova criminologia, que o hooliganismo na modalidade tem suas origens nas mudanças econômicas e sociais mais amplas que ocorreram na Inglaterra na década de 1960 quando os times passaram a buscar mais atenção em pessoas da classe média e dispostas a gastar dinheiro com o clube, deixando os antigos torcedores da classe operária de lado. Esses tradicionais adeptos consideravam os clubes de futebol como democracias participativas e acreditavam que suas opiniões tinham influência e peso nas decisões das agremiações. Porém, os diretores dos clubes tentaram dissolver o vínculo afetivo com esses torcedores que sentiram-se traídos. A partir daí utilizaram a violência nas arquibancadas como forma de chamar atenção e resistir à mercantilização do futebol. Com o passar do tempo passaram a adotar ideologias nacionalistas e fascistas (GIULIANOTTI, 2010). Este sentimento de traição, somada à dura condição de vida, faz com que a panela de pressão exploda e gere os lamentáveis casos de violência no futebol:

[...] é a experiência humana, característica deste conjunto social, que tem de ser sentida e evocada, se pretendemos encontrar a explicação para a erupção da violência. Estes jovens, na sua vida normal, pertencem a um pequeno grupo de estatuto mais baixo. Na sua sociedade conservam uma posição muito inferior. Sempre que contactam com o mundo instalado, sentem a sua inferioridade. O desprezo da sociedade é provavelmente agravado porque os mais novos sabem que lhe pertencem. Sabem que existem outros marginais de origem exterior e de aspecto estranho. Esses não interessam; podem ser tratados com desprezo. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 91).

Elias e Dunning ainda afirmam que a vida de um *hooligan* é pouco excitante e na maioria dos casos ociosa. Por isso, integrar uma comunidade imaginada futebolística faz com que eles liberem sua adrenalina quebrando regras fazendo com que o hooliganismo seja uma atividade prazerosa:

Então, pode mostrar-se a todo o mundo que se faz parte dele. E pode voltar-se as costas a sociedade que não o parece notar. E não parece preocupar-se. Já no caminho para o jogo, no seu próprio país ou no estrangeiro, não se esta mais sozinho, não se esta mais com um pequeno grupo de amigos diários. Agora são centenas, até mesmo milhares, do seu gênero. Esta situação dá força a uma pessoa. [...] Aqueles que habitualmente são marginais, tornam-se, por um breve e ilusório momento, os chefes; os oprimidos destacam-se. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 92).

Esse comportamento agressivo do hooliganismo também é visto nos ultras, porém, em menor escala. Eles surgiram inicialmente na Itália na década de 1970 e se espalharam pelo sul do continente. São tidos como torcedores mais organizados, militantes e participativos, promovendo ações nas arquibancadas através de bandeirões e fogos. Um dos principais pesquisadores sobre futebol na França, Christian Bromberger (1995, p. 245), define o fenômeno ultra em seu livro "*Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*" como um quadro histórico mais amplo da autonomização da juventude no Ocidente sendo refletida "no advento de inúmeros estilos de vida e formas de sociabilidade".

Diferente dos hooligans esses adeptos procuram sempre vestir-se com as cores de seus times do coração, criando uma identificação audiovisual. A começar pela complexidade da coreografia encenada nas arquibancadas, baseada em uma ampla gama de sons e cores, na utilização de instrumentos musicais e de recursos pirotécnicos, nas performances artísticas e sofisticadas elaboradas na produção de um “evento espetacular” em torno do qual girava a organização das torcidas e se afirmava a “autonomia dos rituais ultras” (FLORENZANO, 2010, p. 153). Também cantam durante todo o jogo em apoio aos atletas e buscam proclamar sua fidelidade ao clube, embora críticos também os classifiquem como interessados em promover manifestações políticas e violentas em algumas ocasiões (GIULIANOTTI, 2010).

Tanto os hooligans como os ultras se manifestam em diferentes locais, como em suas sedes sociais, na internet e em eventos particulares, porém, são nos estádios onde eles conseguem amplificar suas posições e ideais. Mascarenhas define um estádio como:

Geograficamente, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade) e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Apesar de tal periodicidade, que condena ao silêncio, e ao desperdício de recursos, na maior parte do tempo, a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural. (MASCARENHAS, 2014, p. 161).

Porém, essas enormes estruturas de concreto também são tidas como um palco sagrado para o torcedor e local onde se conhece tanto o paraíso, quanto o inferno, segundo Franco Júnior (2007). O estádio também é um espaço onde o público pode além de apoiar seu time, manifestar-se politicamente. Para Mascarenhas (2014, p. 161), o torcedor “quer participar ativamente da festa, inclusive expressando coletivamente suas opiniões e reivindicações”. Ao longo da história, estes locais foram espaços importantes para ouvir o que torcedores, e antes de tudo cidadãos, tinham a dizer como durante o regime franquista na Espanha, quando o Camp Nou deu voz aos catalães para se manifestar em seu idioma (FREITAS; TRIGO, 2016).

Em seu livro “*Supporters du PSG: Une enquête dans les tribunes populaires du Parc des Princes*”, o antropólogo francês e membro do Instituto Interdisciplinar de Pesquisa sobre Questões Sociais (I'IRIS) Eric Wittersheim (2014, p. 7) afirma que

um estádio é o cenário de uma dupla tragédia social, uma com torcedores frios e que assistem passivamente a partida como se estivessem em um teatro e outra onde os adeptos mais calorosos que estão confinados em um curto espaço podem ali reproduzir atos típicos da sociedade moderna e desumanizada atual como violência, racismo e fascismo.

Hoje, eles continuam sendo palcos para diversas manifestações e também ganharam algumas características próprias, como o termo Kop. Na primeira década do século XX esta expressão que significa bancada surgiu nos estádios ingleses e logo passou a ser amplamente popular entre os torcedores. Ela remete a Batalha de Spion Kop durante a II Guerra dos Bôeres (1899-1902) quando o Reino Unido enfrentou alguns colonos franceses e holandeses que viviam na África do Sul. Nesta batalha um grupo de soldados britânicos esperava seus inimigos numa encosta com mais de 1.400 metros de altura e acabou sofrendo uma dura derrota para os combatentes locais.

Quando começaram as construções de arquibancadas íngremes nos estádios ingleses e onde os adeptos se colocavam de pé lembrando estar numa colina, esses setores passaram a receber o nome de Kop⁴. Os torcedores que ficavam ali começaram a cometer atos violentos com o passar do tempo no auge do hooliganismo inglês. Esse comportamento agressivo posteriormente passou a se repetir em outros países do continente, como a França.

Os anos de tensão nas arquibancadas do Parc de Princes

A França é um dos países que mais concentra imigrantes na União Europeia. Segundo o Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos, órgão oficial do governo francês responsável por coletar, analisar e publicar dados econômicos e sociais, até o dia 1º de janeiro de 2014, a população francesa tinha 11,6%, ou 7,6 milhões de habitantes estrangeiros (INSEE, 2016a). O mesmo instituto calculou que em 2012 a maior parte da população imigrante concentrava-se nas grandes metrópoles, principalmente na área urbana de Paris. A capital francesa registrou que naquele ano viviam na cidade 38,2% de todos os cidadãos imigrantes da França, ou 2,2 milhões de pessoas (INSEE, 2016b). Some-se a isso o alto número de descendentes de segunda e terceira geração nascidos no país que eram 12% da população até 2008 de acordo com o mesmo instituto (INSEE, 2016a). Esses números fazem a capital francesa ser uma das mais cosmopolitas do mundo e influenciada por diferentes culturas.

Esta diversidade também é possível de se enxergar no futebol francês. A modalidade é um ótimo exemplo para poder entender um pouco mais sobre fatores sociais, étnicos e identitários da sociedade da França seja entre os atletas que atuam em ligas cada vez mais internacionalizadas, na seleção nacional que hoje é majoritariamente formada por jogadores descendentes de imigrantes ou através de torcedores. Durante anos Paris registrou uma das mais intensas rivalidades entre adeptos que tinham como única semelhança torcer pelo mesmo time, o Paris Saint-Germain. Eram conflitos que opunham etnias, ideologias e identidades.

⁴ A verdadeira história da Kop. Publicado no site Futebol Magazine no dia 24/08/2015. Disponível em: <http://www.futebolmagazine.com/a-verdadeira-historia-da-kop>.

Hoje controlado por um grupo de investimentos do Catar e aspirante a protagonista no cenário internacional, como será mostrado no próximo tópico, o PSG, como é popularmente conhecido, é um clube que foi criado para ser o embaixador futebolístico de uma grande metrópole que não tinha um representante a sua altura, já que Paris nunca teve times relevantes no cenário nacional do futebol francês. Através da fusão dos pequenos Paris FC com o Stade Saint-Germain, nasceu o Paris Saint-Germain Football Club no dia 12 de agosto de 1970.

Após se firmar na divisão principal do futebol francês em meados da década de 1970 o PSG ainda era pouco popular e não conseguia atrair um grande número de torcedores, incomodando seus diretores. Buscando aumentar sua popularidade resolveu lançar ingressos mais acessíveis. A nova política trouxe para o estádio um novo perfil de público, com a maioria sendo formada por jovens rebeldes dos bairros mais pobres de Paris e que passaram a ocupar a curva do lado direito do estádio chamada de Boulogne. Nesse setor surgiu uma das torcidas mais temidas do país: os Boulogne Boys que mesclavam o estilo italiano ultra como visto na definição de Florenzano (2010) com as ações do hooliganismo inglês exposto neste artigo por Elias e Dunning (1992). Tinham posições políticas de extrema-direita e acima de tudo adeptos à cultura da violência.

Como mostrou a revista francesa L'Express membros desta torcida entoavam canções e expunham faixas no estádio com citações racistas, xenófobas e fascistas (L'EXPRESS, 2008). Frases como "O Parc de Princes para parisienses", "Estádios da França para os franceses" ou "É preciso limpar as tribunas" eram avistadas em campo demonstrando posições nacionalistas da torcida⁵. Como afirma Agostino (2002) esses torcedores tendem a representar uma das mais importantes experiências coletivas vivenciadas em estádios que é a sensação de pertencimento a um grupo e sentem-se à vontade para extravasar ódios acumulados.

Ao levar a campo essas faixas os Boulogne Boys buscavam claramente manter sua posição dominante ao enxotar quem não se enquadrava dentro do perfil da torcida, assim como as lutas pelo equilíbrio de poder entre os estabelecidos e outsiders analisados por Elias e Scotson (2000, p. 37) na comunidade de Winston Parva na década de 1950. Nesta pesquisa os sociólogos mostraram que os locais hesitavam em criar vínculos com os forasteiros porque acreditavam que a convivência com eles rebaixaria seu status social e desvalorizaria a comunidade. O mesmo raciocínio vale para os torcedores radicais da curva Boulogne que viam naqueles tidos como "diferentes" uma ameaça à sua influência nas arquibancadas (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 167-169).

As faixas com mensagens agressivas aos adversários somadas aos cânticos nas arquibancadas também podem ser consideradas como uma forma de comunidade imaginada, afinal as palavras têm muita força e representação. A maioria da torcida organizada se identifica com as palavras escritas em pedaços de panos e acabam ali

⁵ *Arquibancadas do ódio*. Publicado no site do jornal Folha de S. Paulo no dia 30/05/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj3005201008.htm>.

naquele espaço entoando canções que muitas vezes podem não ter sentido algum. Assim como os hinos nacionais ou um idioma, podem tornar-se um tipo de comunidade imaginada segundo Anderson (2008) e mostrar a união desses torcedores.

Os constantes atos de intolerância tornaram-se um problema para a sociedade francesa na época. Entre os anos 1980 e 1990 leis mais rígidas de imigração foram sancionadas gerando opiniões distintas. A questão urbana também foi bastante discutida no período como afirmam os sociólogos franceses Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011) ao lembrarem os problemas nas periferias das grandes cidades que se tornaram um espaço de segregação socioétnica gerando uma nova categoria de atores urbanos, no caso os imigrantes e seus descendentes que acabam criando nos guetos novas comunidades imaginadas. Como afirma Anderson (2008, p. 209) “o racismo se manifesta de dentro e não de fora das fronteiras nacionais”, sendo um exemplo de repressão e dominação interna.

Neste mesmo período os Boulogne Boys também se envolviam em brigas contra outros ultras e a intolerância da torcida afetou as economias do clube que teve uma acentuada queda de público e consequentemente, menos receita vinda das arquibancadas gerando uma crise econômica⁶. Com ajuda da Prefeitura de Paris e de novas leis esportivas, o PSG tornou-se uma Sociedade Anônima e vendeu a maior parte de suas ações para a emissora de TV Canal Plus.

A nova diretoria passou a incentivar a ida de imigrantes, seus descendentes e os moradores dos *banlieue*, a periferia parisiense, ao estádio visando minar a influência dos Boulogne Boys. Inicialmente eles foram rechaçados pelo *hooligans* da Boulogne, um comportamento de exclusão que dialoga com a teoria do antropólogo norueguês Fredrik Barth que dizia que identidades coletivas, assim como a identidade pessoal de cada um, são construídas e transformadas na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo quem os integram ou não (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 11). A solução foi acomodá-los do outro lado do estádio, na curva Auteuil. Com o passar do tempo começaram a dominar o espaço, expor suas rixas com os Boulogne Boys e mostrar que eram igualmente violentos.

Na Auteuil surgiram os Supras Auteuil em 1991 e os Tigris Mystic em 1993. Ambos guardavam semelhanças no perfil de seus torcedores que na maioria eram jovens descendentes e imigrantes das ex-colônias francesas, de classe social baixa e moradores das periferias (LA GRINTA, 2013). Outra semelhança é que as duas torcidas eram adeptas da filosofia dos ultras italianos e protagonizavam espetáculos nas arquibancadas. Porém, também usavam métodos violentos quando necessário. Por fim, havia um sentimento mútuo de ódio contra os rivais da curva Boulogne.

⁶ *Um clube, um país*. Publicado no site do Puntero Izquierdo no dia 07/01/2016. Disponível em: <http://medium.com/puntero-izquierdo/um-clube-um-pa%C3%ADs-Ad6f7b4edf16>.

Essa conduta agressiva dialoga com a teoria do reconhecimento do filósofo canadense Charles Taylor, “que é quando se defende que a identidade é formada pela existência ou inexistência de reconhecimento, e que uma recongnição incorreta gera efeitos negativos em quem sofre essa agressão gerando sentimentos de ódio e recusa contra elas mesmas” (TAYLOR, 1998, p. 45). Para o filósofo, os indivíduos lutam para ter suas características e identidades admitidas através de políticas de reconhecimento assegurando desta forma condições de permanecerem fieis às suas origens e culturas.

Este era um dos objetivos que os ultras da curva Auteuil tinham quando criaram suas torcidas organizadas para rivalizar com seus antagonistas. Além de fazerem o papel do torcedor e apoiar o PSG durante as partidas, buscavam através de sua comunidade criar laços de união em torno de suas origens étnicas, mostrar para seus rivais que exigiam seu reconhecimento e criar uma nova identidade. Como cita Hall:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2014, p.9).

Após serem expulsos e impedidos de estarem próximos de seus rivais do outro lado do estádio, esses torcedores vão de encontro com o que Watson⁷ afirma sobre o comportamento de jovens descendentes de imigrantes que quando se sentem marginalizados acabam redescobrimdo o legado cultural dos pais e construindo novas identidades, se distanciando da sociedade dominante (1980, *apud* VERMEULEN, 2001, p. 138-139). Afinal como define Hall

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade (HALL, 2003, p. 432-433).

Seguindo esse raciocínio podemos definir a identidade como própria, híbrida e em constante mudança, sendo formadas ou transformadas com o passar dos tempos (HALL, 2014, p. 30). Através da criação de uma torcida esses jovens acabaram se fechando em uma comunidade e adotando uma identidade que de certa maneira também funciona uma forma de proteção contra a violência dos rivais.

Bauman afirma que a identidade pode ser definida como uma faca de dois gumes, tendo um lado sendo utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam às suas próprias crenças e a seus próprios modos de vida e outro sendo o grupo que volta o gume contra uma comunidade maior, acusando-a de querer destruí-lo:

Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa

⁷ WATSON, J. L. Arbeitsimmigranten in Grossbritannien: Neuere Entwicklungen. In: BLASCHKE, J; GREUSSING, K. “Dritte Welt” in Europa. Probleme der Arbeitsimmigration. Frankfurt am Main, Syndikat, 1980. p. 38-52.

luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). (BAUMAN, 2005, p. 82-83).

Um discurso presente na sociedade francesa onde os imigrantes e seus descendentes são constantemente ameaçados, marginalizados e excluídos por um grupo étnico maior.

A busca por protagonismo dos torcedores da curva Auteuil era um claro sinal de como esta camada da juventude francesa mostrava-se insatisfeita com sua situação. Sentindo-se marginalizados, queriam mostrar que também estavam presentes e queriam encontrar seu espaço na sociedade francesa. Na música se destacaram no decorrer dos anos 1980 através da companhia de dança e hip-hop Black Blanc Beur (Preto, Branco e Árabe em português e que em 1998 seria o apelido da seleção nacional campeã mundial de futebol) e da banda de rock árabe Carte de Séjour (que significa Visto de Permanência em português) que fazia canções provocativas e denunciava em suas letras a intolerância social da época (COELHO, 2010).

O futebol, principalmente por via das torcidas organizadas, era apenas mais um canal de expressão que estes grupos encontraram para se manifestar em um país que ainda enfrenta muitas dificuldades em integrar sua população imigrante. Como lembra Hall (2014) a maioria das nações modernas consiste em culturas separadas que foram unificadas por um longo período de conquista através da violência, que acabou suprimindo as diferenças culturais e tentando unir à força as distintas classes sociais e grupos étnicos como foi o caso da França.

Os imigrantes e seus descendentes reclamam do fato de serem marginalizados e discriminados, além da truculência policial. Estatísticas oficiais mostram que eles são maioria em postos de trabalho não qualificados e minoria nos cargos de gerência (FAUGÈRE; BOUVET, 2016). Em 2005 após a morte de dois jovens que fugiam da polícia, o subúrbio de Paris foi palco de uma violenta revolta popular que terminou com milhares de carros queimados. À época Ministro do Interior, Nicolas Sarkozy chamou os jovens de “ralé” e foi confrontado publicamente pelo jogador da seleção francesa Lilian Thuram que afirmou ter sido criado em um *banlieue* e não era nenhum marginal (LE PARISIEN, 2005).

As diferenças entre os grupos organizados do PSG levaram a maiores problemas em 2003 quando os Tigris Mystic provocaram os Boulogne Boys com uma faixa em comemoração aos dez anos da fundação da torcida. Como noticiou o jornal Libération, na faixa estava escrito “*L’avenir est a nous!*” (“Nós somos o futuro!” em português) (LIBÉRATION, 2005). Estas palavras soaram como uma declaração de guerra e atingiram o orgulho dos torcedores da curva Boulogne que pareceram permanecer num estado de luto pela grandeza perdida e encontraram na estigmatização e rejeição a identidade rival o seu contra-ataque como afirma a teoria dos estabelecidos e outsiders

de Elias e Scotson (2000), onde os estabelecidos são os torcedores da curva Boulogne e os outsiders os da Auteuil.

Entre 2003 e 2006 a violência entre as partes explodiu. Cada final de semana era um tormento para os torcedores do clube que não alinhados a alguma torcida e também para a polícia que tinha que separar grande contingente de oficiais para evitar tumultos. Porém, as brigas na maioria das vezes ocorriam nas ruas e próximo ao estádio. Bauman (2007, p. 94) lembra que quanto mais isolado ou vivendo em um grupo com pessoas da mesma classe ou círculo social, mais as pessoas “desaprendem a arte de negociar e dialogar significados compartilhados”. Ou seja, quanto mais presos à bolha, mais dificuldades essas pessoas terão em assimilar as diferenças da sociedade.

Devido à crescente onda de atos violentos a opinião pública passou a contestar as torcidas. Durante o auge dos confrontos entre as duas curvas, o então presidente francês e torcedor famoso do clube, Nicolas Sarkozy, manifestou-se pedindo a extinção dos ultras. Não havia mais clima para os fanáticos torcedores e hooligans. Entrou em prática então o Plano Leproux, medida que passou a vigorar no ano de 2010 e recebeu o nome do então presidente do clube Robin Leproux. Essa lei visava pacificar e restaurar a imagem do PSG perante a sociedade francesa (SO FOOT, 2016).

Em 2006 os Tigris Mystic anunciaram sua dissolução após constantes ataques sofridos pelos rivais. Dois anos depois os Boulogne Boys foram dissolvidos ao exibirem uma faixa com frases agressivas chamando os torcedores do RC Lens de pedófilos, vagabundos e incestuosos (LE FIGARO, 2014). Em 2010 foi a vez dos Supras Auteuil serem obrigados a encerrar suas atividades após o assassinato de um torcedor depois um tumulto em uma partida em Paris. Passadas três décadas de arquibancadas pulsantes o clube que nasceu para ser o time dos parisienses não tinha mais seus fanáticos torcedores.

Torcida multicultural: uma nova realidade?

Sem a presença dos ultras diminuíram os atos de violência e vandalismo. Revoltados com o fim de suas agremiações, os ultras das duas curvas passaram a boicotar o clube. Ironicamente os arquirrivais se uniram. Eles não estavam impedidos de ir individualmente ao estádio, porém, não poderiam sentar-se nos locais de sempre e ostentar símbolos de suas antigas torcidas. Conclamando seus membros a não irem ao campo, os chefes dos ultras tentavam fazer com que o clube perdesse dinheiro na bilheteria.

Este período entre 2006 e 2011 foi uma época ruim. O clube mudou de donos e não tinha grandes estrelas mundiais como atualmente, além de fazer campanhas modestas na Ligue 1. Em todos esses anos conquistou apenas dois títulos e chegou a ser ameaçado de rebaixamento na temporada 2007-08. Torcedores comuns não se

interessavam em ir ao Parc de Princes para assistir um time fraco. E dentro de campo jogadores reclamavam de pouco apoio vindo das arquibancadas.

Em 2011 o PSG foi adquirido pelo Qatar Sports Investments (QSI), um fundo de investimentos do país árabe criado pelo Emir Tamim Bin Hamad Al Thani, principal autoridade do país. O empresário Nasser Al-Khelaifi, ex-jogador profissional de tênis e próximo à família real do Catar, assumiu o cargo de presidente do clube e passou a ser o responsável por colocar em prática o planejamento de longo prazo de transformar o PSG em uma potência global.

Porém, não é apenas a expansão do clube francês que está em jogo. Este rico país árabe utiliza o esporte como parte de sua política de relações internacionais. Sede da Copa do Mundo de futebol de 2022, o Catar enfrenta acusações de violação de direitos humanos aos trabalhadores das obras do Mundial e é constantemente apontado como financiador de grupos terroristas islâmicos. Em junho de 2017, após uma visita do presidente americano Donald Trump ao Oriente Médio, Arábia Saudita, Egito, Bahrein e Emirados Árabes Unidos cortaram relações diplomáticas com o Catar alegando que os catarianos apoiavam o terrorismo como noticiou o *Le Monde*, um dos jornais impressos com maior tiragem na França. O país, que controla grandes empresas internacionais como a companhia aérea Qatar Airways e o canal de TV Al Jazeera, considerou a decisão sem fundamento (LE MONDE, 2017).

Através do futebol o Catar deu uma resposta à comunidade internacional ao pagar 222 milhões de euros pelo atacante Neymar. Antes do brasileiro aportar em Paris outros astros internacionais como Zlatan Ibrahimovic e David Beckham já haviam sido contratados e ajudaram o clube a ganhar dinheiro com a venda de camisas, bilheteria e merchandising. Outras medidas como a criação de fãs clubes oficiais e academias para jovens talentos espalhadas pelo mundo também fazem parte do plano de expansão global. Hobsbawm (2013) afirma que durante o período entre as duas grandes guerras mundiais o esporte tornou-se uma expressão de luta nacional, e hoje o Catar confirma essa teoria através de seu poderio econômico e ambição.

Porém, faltava uma das coisas mais importantes do futebol: os torcedores. Mesmo com Parc des Prince lotado a cada fim de semana por torcedores mais abastados, já que o valor do ingresso subiu consideravelmente, ele ainda era um estádio frio. O ambiente incomodava Al-Khelaifi que após anos administrando o clube resolveu que era hora dos ultras voltarem às arquibancadas durante a temporada 2016-17.

A nova gestão da QSI tentou aproximar-se dos torcedores parisienses. Os diretores sabiam que não seria só despejando dinheiro para montar um esquadrão que os adeptos voltariam ao estádio. Por isso buscaram criar um vínculo maior com os cidadãos da cidade. Algumas medidas foram alterar o escudo do time deixando a palavra Paris com maior destaque e criando um slogan presente em vários ambientes do clube *Ici c'est Paris* (Aqui é Paris em tradução livre ao português). Mas faltava alma ao estádio e o calor dos antigos torcedores.

Com o aval dos novos donos do PSG e das autoridades de segurança os ultras começaram a se articular para voltar à cena. Surgiu então uma nova torcida que desde então vem assumindo o protagonismo entre os torcedores: o Collectif Ultras Paris (CUP). Estes torcedores passaram a ocupar a curva Auteuil, antigo terreno dos Supras Auteuil e dos Tigris Mystic. Até porque seria difícil sentarem-se na curva Boulogne, já que boa parte dos membros simpatiza ou pertencem aos antigos ultras da Auteuil. O perfil da CUP também é mais multicultural e heterogêneo, reunindo membros de diferentes etnias, com muitos descendentes de imigrantes entre eles. Os torcedores ainda costumam realizar ações solidárias como entregar comida a imigrantes e moradores de rua em Paris (FRANCE BLEU, 2016), deixando para trás a imagem de vandalismo dos antigos ultras, embora na final da Copa da Liga Francesa em abril de 2017 contra o Lyon alguns membros da torcida tenham danificado assentos no estádio do adversário (LE PARISIEN, 2017).

Logo depois de serem aceitos novamente aos estádios, os ultras passaram a negociar com a direção do clube o valor do preço dos ingressos. Eles defendem uma redução no setor da curva Auteuil que consideram um lugar popular. A CUP acredita que não basta apenas empurrar a equipe dentro de campo como quer Al-Khelaifi, mas também precisa defender os interesses de torcedores com menos poder aquisitivo e que não tem dinheiro para comprar os bilhetes. Além disso, a CUP pretende restaurar o clima de caldeirão do Parc de Princes. Durante as décadas de 1990 e 2000 o estádio era um dos mais temidos e hostis aos adversários e a atmosfera gerada pelos ultras empurrava o time parisiense e intimidava os rivais.

Resta saber como será a trajetória desse novo grupo de torcedores e se poderá haver turbulências ao longo desse processo de volta ao estádio. Um grupo de torcedores chamado Lista Nera Paris, que integrava a CUP, deixou a torcida após divergências internas referentes a liderança da CUP, mostrando que ainda é muito cedo para saber se esse novo grupo de ultras passará incólume pelas históricas tensões envolvendo as arquibancadas do Parc de Princes.

Considerações finais

Como vimos nas páginas anteriores, as tensões migratórias e étnicas da sociedade francesa estão presentes também no esporte e nas torcidas organizadas do clube de futebol de Paris. Os anos de conflitos intensos entre as curvas Boulogne e Auteuil são um reflexo de como o futebol não está distante de assuntos políticos e sociais e pode ser uma ferramenta importante para o campo de estudo e pesquisa sobre esses assuntos de temática social.

A criação dos Boulogne Boys e sua conversão ao hooliganismo e ao fascismo, principalmente após o fim do período dos Trinta Gloriosos⁸ e ao endurecimento de leis de

⁸ Período quando a economia da França cresceu vertiginosamente entre 1945 e 1974.

imigração, apenas mostram como o futebol e a sociedade caminham lado a lado na França. Como lembra Yvan Gastaut, historiador e professor da Universidade de Nice, a seleção francesa consegue despertar um sentimento de orgulho nacional quando parte para uma Copa do Mundo tendo a maioria de seus jogadores com origens imigrantes, num claro exemplo do jogo de identidades (HALL, 2014)⁹, mostrando a sociedade o valor e a contribuição do imigrante para a França. E isso mesmo que poucas ações políticas buscando chegar a uma harmonia social:

La Coupe du monde est une aubaine pour présenter l'aspect constructif de l'apport des immigrés à la société française. En dépit de la persistance d'un racisme endémique, des errements en matière de politiques publiques concernant la gestion des étrangers, du "problème" des banlieues et de la "question" de l'islam, le milieu sportif, lui, semble échapper à ces difficultés. (GASTAUT, 2008, p.38)¹⁰.

Ao adotar o discurso xenófobo os torcedores da curva Boulogne de certa forma davam voz de uma parcela da população que se identificava com essas medidas, mas não se manifestava. Assim como a seleção nacional francesa que concentra atualmente uma grande quantidade de atletas com perfil multicultural, mas que desde 1930 já dava espaço a imigrantes e descendentes em suas equipes nacionais (FREITAS, 2017), também é um reflexo de sua política de colonização e imigração desde o século XIX (SONNTAG, 1998) e alvo de ataques de certos grupos políticos, as torcidas organizadas que surgiram na curva Auteuil também são objetos desses personagens extremistas.

Porém, com o avanço de políticos de extrema-direita e com discurso antiimigratório e contra o multiculturalismo é difícil saber como se comportará esta nova torcida organizada. É fato que a CUP é muito mais tolerante e menos radical em comparação com os ultras do passado, mas uma onda social intolerante pode gerar manifestações políticas que poderão vir a fazer parte de seu repertório nos estádios. É algo que deve ser observado, já que como foi mostrado na primeira parte deste artigo o estádio é um local estratégico para manifestações de cunho político e popular e, conseqüentemente, ótimas ferramentas para estudo de aspectos sociais.

"Ensemble nous sommes invincibles" (Juntos nós somos invencíveis, em português). Este é o lema do Collectif Ultras Paris e visível nas arquibancadas do Parc de Princes. Uma frase poderosa e que visa unir o time com a torcida, após anos de separação, além de unir os próprios torcedores. Uma frase que pode servir como objetivo para criar um clima mais pacífico e fazer com que tempos violentos sejam apenas uma memória e lição para que nunca volte a se repetir.

⁹ Segundo Stuart Hall, o jogo de identidades acontece quando existe um conflito ou cruzamento de identidade, onde não existe uma identidade única. Neste caso é o fato de um torcedor da seleção francesa ser contra imigrantes na França, mas torcer por uma seleção repleta de atletas com origem imigrante.

¹⁰ A Copa do Mundo é uma benção para apresentar o aspecto construtivo da contribuição dos imigrantes para a sociedade francesa. Apesar da persistência do racismo endêmico, dos erros de política pública relativos à gestão de estrangeiros, o "problema" dos subúrbios e a "questão" do Islã, o mundo do esporte parece escapar essas dificuldades (tradução livre).

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BROMBERGER, C. **Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

CARVALHO, J. E. de. **Gente: 150 anos de futebol**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014.

COELHO, R. C. **Os franceses**. São Paulo: Contexto, 2010.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAUGÈRE, A.; BOUVET B. **L'accès à un travail et des conditions d'emploi plus difficiles pour les immigrés**. Insee Analyses Auvergne-Rhône-Alpes, n. 22, p.1-4, septembre 2016.

FLORENZANO, J. P. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/163/RH_163_-_07_Jos_Paulo_Florenzano.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

FRANCE BLEU. PSG: les Ultras viennent en aide aux migrants. **France Bleu**, 17 out. 2016. Disponível em: <<http://www.francebleu.fr/sports/football/psg-les-ultras-viennent-en-aide-aux-migrants-1476456139>>. Acesso em 2 agosto 2017.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, G. S. P. de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. São Paulo: USP, 2017.

FREITAS, G. S. P. de; TRIGO, L. G. G. FC Barcelona e Athletic Club: o futebol como

orgulho nacionalista. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 20, n. 213, p. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd213/fc-barcelona-e-athletic-club-orgulho-nacionalista.htm>>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

FUTEBOL MAGAZINE. A verdadeira história da Kop. **Futebol Magazine**, 24 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.futebolmagazine.com/a-verdadeira-historia-da-kop>>. Acesso em 2 set. 2017.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GASTAUT, Y. **Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'où?** Paris: Éditions Autrement, 2008.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBBSAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HOLLANDA, B. B. Arquibancadas do ódio. In: _____. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 mai. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj3005201008.htm>>. Acesso em 26 agosto 2017.

INSEE. **Étrangers – Immigrés**, INSEE références, 2016a. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/statistiques/1906669?sommaire=1906743>>. Acesso em 13 agosto 2017.

_____. **La localisation géographique des immigrés**, INSEE première, 2016b. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/statistiques/2121524#titre-bloc-5>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

LA GRINTA. Kop Of Boulogne, une histoire devenue legende, **La Grinta**, 20 out. 2013. Disponível em: <<http://www.lagrinta.fr/kop-of-boulogne-une-histoire-devenue-legende&7245/>>. Acesso em 21 out. 2017.

LE MONDE. Accusé de soutenir le terrorisme, le Qatar mis au ban par l'Arabie saoudite et ses alliés, **Le Monde**, Paris, 05 jun. 2017. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2017/06/05/l-arabie-saoudite-l-egypte-les-emirats-arabes-unis-et-le-bahrein-rompent-avec-le-qatar_5138795_3218.html>. Acesso em 1 out. 2017.

LE FIGARO. Humour ou insulte, les banderoles les plus célèbres du foot français, **Le Figaro**, Paris, 17 out. 2014. Disponível em: <[---

Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 80-98, mai./ago. 2017.](http://sport24.lefigaro.fr/le-scan-</p></div><div data-bbox=)

sport/buzz/2014/10/17/27002-20141017ARTFIG00059-humour-ou-insulte-les-banderoles-les-plus-celebres-du-foot-francais.php>. Acesso em 2 agosto 2017.

LE PARISIEN. La colère de Thuram contre Sarkozy, **Le Parisien**, Paris, 09 out. 2005. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/une/la-colere-de-thuram-contre-sarkozy-09-11-2005-2006455834.php>>. Acesso em 2 de agosto de 2017.

_____. PSG. Le Collectif ultras Paris condamne les incidents de Lyon, **Le Parisien**, Paris, 02 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/sports/football/psg/psg-le-collectif-ultras-paris-condamne-les-incidentes-de-lyon-02-04-2017-6818442.php>>. Acesso em 2 de agosto de 2017.

L'EXPRESS. Les banderoles de la haine, **L'Express**, Paris, 31 mar. 2008. Disponível em: <http://www.lexpress.fr/actualite/societe/les-banderoles-de-la-haine_471599.html>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

LIBÉRATION. Guerre en tribune, **Libération**, Paris, 21 nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/grand-angle/2005/11/21/guerre-en-tribunes_539653>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PUNTERO IZQUIERDO. Um clube, um país. **Puntero Izquierdo**, 07 jan. 2016. Disponível em: <<http://medium.com/puntero-izquierdo/um-clube-um-pa%C3%ADs-ac6f7b4edf16>>. Acesso em 26 agosto 2017.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SO FOOT. Quand Robin Leproux revient sur le “Plan Leproux”, **So Foot**, Paris, 31 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.sofoot.com/quand-robin-leproux-revient-sur-le-plan-leproux-269604.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2017.

SONNTAG, A. Le football, image de la nation. In: _____. **Géopolitique Du Football**. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998. p. 31-40.

TAYLOR, C. **Multiculturalismo**: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia. São Paulo: USP, 2000.

TOSTÃO. História de torcedor. In: _____. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2801200120.htm>>. Acesso

em 21 out. 2017.

VERMEULEN, H. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

WITTERSHEIM, E. **Supporters du PSG: une enquête dans les tribunes populaires du Parc des Princes**. Lormont: Le Bord de l'eau, 2014.

Endereço para correspondência

Guilherme Silva Pires de Freitas

Rua Doutor Nicolino Morena, 237, apto. 23 G, Vila Constância, São Paulo (SP).

Email: gui_sp_freitas@yahoo.com.br

CEP: 02257-000.

Recebido em:

01/06/2017

Aprovado em:

07/07/2017